

Metal além da Capital: música pesada no Interior de Pernambuco

Relatório Final do Projeto de Pesquisa Cultural nº 346/11, novembro de 2012.



Metal além da capital: música pesada no Interior de Pernambuco

Por Amílcar Almeida Bezerra, Daniela M^a Ferreira, Jorge de la Barre e Wilfred Gadelha¹.

Introdução

O presente mapeamento dá continuidade ao primeiro esforço realizado para produzir uma bibliografia sobre o consumo e a produção de subgêneros musicais ligados ao rock e ao metal em Pernambuco. Por tratar-se de um estudo pioneiro no Estado, não temos a pretensão de estabelecer com essa pesquisa verdades absolutas, nem tampouco produzir uma versão definitiva ou um mapeamento exaustivo da cena metal em Pernambuco. Dadas as limitações do tempo e a amplitude do contingente a ser pesquisado, mesmo que tivéssemos esse objetivo, não conseguiríamos obter sucesso. Além disso, tendo em vista o caráter dinâmico das cenas culturais em geral, e da cena metal pernambucana em particular, nenhum relato, por mais extenso ou detalhado que seja, pode dar conta de todas as suas facetas e nuances, o que transforma qualquer trabalho de pesquisa nesse campo em um relato provisório, a ser compreendido dentro das condições materiais da pesquisa e limitações intelectuais de seus pesquisadores.

A música popular comercial é, de modo geral, uma das forças culturais mais relevantes do processo de mundialização. O advento da música pop como mercadoria de consumo ancorada na construção de uma identidade jovem e transgressora, já em inícios da década de 1960, detonou um processo de irresistível sedução das massas jovens urbanas pelas imagens e sons do rock em todo em escala global. Tal fenômeno, ainda em curso, se intensifica, se diversifica e assume diferentes formas aparentes nas diversas épocas e diversas partes do mundo.

¹ Amílcar Almeida Bezerra é doutorando do programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professor do Núcleo de Design do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Daniela Maria Ferreira é doutora em Educação pela Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas e Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco; Jorge de La Barre é doutor em Sociologia pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales e pesquisador no Instituto de Etnomusicologia da Universidade Nova de Lisboa

Este trabalho tenta compreender uma manifestação específica desse fenômeno global. Tomamos como objeto de análise as formas de consumo cultural e de sociabilidade de grupos de jovens do interior de Pernambuco que, a partir da década de 1970, formam um público aficionado de alguns subgêneros do rock, mais especificamente de suas ramificações consideradas mais pesadas, derivadas do metal. Músicos, fãs, produtores e lojistas espalhados por cinco cidades do interior pernambucano (Caruaru, Garanhuns, Vitória de Santo Antão, Carpina e Surubim) nos revelam a existência de uma rede de produção e consumo do som pesado no interior do Estado, com ramificações não apenas em direção ao Recife, mas também a cidades de outros Estados, como Campina Grande, na Paraíba, por exemplo.

Trata-se da continuação de levantamento anterior realizado entre grupos de consumidores e produtores de metal no Recife e representa mais uma etapa cumprida rumo ao objetivo de produzir um amplo mapeamento da cena metal em Pernambuco.

A partir dos depoimentos coletados, pudemos entender sob que condições se dava o acesso ao material contendo música e informações sobre rock ainda nos anos 1970, época em que a escassez era a regra e eram muitos os obstáculos a serem superados para a obtenção de discos e revistas especializados no tema. Pudemos também mapear ao longo do tempo a transição para o consumo de novos gêneros do rock, bem como o surgimento de bandas de heavy metal, thrash, black, death, doom e outros subgêneros do metal no interior de Pernambuco.

O advento das novas tecnologias, na virada do milênio, trouxe mudanças não apenas no acesso à informação musical, mas também implica em profundas alterações na sensibilidade dos consumidores, na medida em que altera alguns parâmetros de fruição musical. A exemplo do que observamos na pesquisa realizada com os headbangers recifenses, percebemos três períodos entre os quais é possível constatar diferenças significativas nos modos de acesso à informação musical no Estado.

Até meados dos anos 1980, o acesso ao material de rock e metal em Pernambuco era bastante restrito. Não havia lojas especializadas, os títulos lançados no País eram poucos e conseguir material importado era algo fora do alcance da grande maioria das

(INET-MD, UNL/FCSH); Wilfred Gadêlha é formado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – pela Universidade Federal de Pernambuco e escreve sobre metal em jornais locais.

pessoas. Entretanto, ainda assim se gesta, desde os anos 1970, uma rede de aficionados do rock que se articula em alguns pontos nodais do espaço urbano do Recife, mais especificamente residências privadas, algumas calçadas e até mesmo bancas de jornal. A essa rede, são incorporados alguns personagens-chave que vinham do interior do Estado, mas que transitavam com frequência na capital em busca de novidades ligadas ao rock. Moisés e Cristóvão, oriundos respectivamente de Caruaru e Vitória, eram dois desses personagens que vinham ao Recife e voltavam a suas cidades com sacolas cheias de discos de vinil, fitas cassete, revistas especializadas, além das memórias dos bons momentos vivenciados nas conversas que aconteciam em calçadas e residências do restrito, mas apaixonado, séquito de roqueiros da cidade. Humberto, roqueiro residente na Rua da Matriz, na Boa Vista, era referência para todos aqueles que vinham ao Recife à procura de bons vinis de rock e metal e de informações atualizadas sobre o panorama roqueiro mundial. Moisés e Cristóvão, além de frequentarem algumas das reuniões constantes que aconteciam na casa de Humberto, tornaram-se mediadores fundamentais para a alimentação de uma cena roqueira local em suas respectivas cidades e são até hoje venerados pelos bangers das gerações mais novas. Com acesso privilegiado ao fluxo de informações musicais, transformaram-se em importantes agentes de recomendação musical, mediadores de uma pedagogia do gosto. Para Moisés, por exemplo, é bastante clara a ideia de que ouvir música não é apenas escutar o som, mas entender seus significados ocultos e mergulhar na simbologia transportada por aquele som. A pequena sala que mantinha nos fundos da oficina do pai, em Caruaru, funcionou durante muito tempo não só como ponto de troca de material, mas como local onde aconteciam audições e conversas relacionadas ao rock que modelavam a experiência musical, adaptando-a a uma certa ideia do que significa “ouvir rock”.

A partir de meados dos anos 1980, após a realização do Rock in Rio, em 1985, o rock e seus subgêneros passam a ganhar mais popularidade em todo o País. As multinacionais da indústria fonográfica também mudam suas estratégias e passam a produzir, divulgar e distribuir LPs de rock e heavy metal no mercado nacional em bem maior quantidade. É partir dessa época que começam a surgir as primeiras lojas especializadas e os primeiros eventos públicos vinculados ao rock e ao metal. A Metalmorphose, localizada em Caruaru, fundada em 1988, é hoje considerada a mais antiga

loja especializada em rock e metal em funcionamento em Pernambuco. Erivaldo, proprietário da loja, promoveu ainda em 1988 o primeiro festival de rock e metal do interior do Estado, também com o nome Metalmorphose que, no entanto, teve apenas duas edições. Em seguida, cidades como Vitória, Surubim e Carpina, entre outras, teriam seus próprios festivais de rock.

Em algumas cidades como Caruaru e Surubim, foi possível dimensionar, em fins dos anos 1980, a importância de instituições escolares como espaços de sociabilidade responsáveis pela construção de um gosto comum voltado para o consumo de rock e metal em alguns pequenos grupos de estudantes. Colégios como o Diocesano e o Santo Antonio, em Caruaru, bem como o Marista, em Surubim, eram locais de intenso fluxo de informações musicais. Por serem instituições tradicionais dedicadas ao ensino privado, eram frequentados por adolescentes de classe média e classe média alta das respectivas cidades, que dispunham não só de um capital cultural diferenciado, mas que também eram de famílias cujo poder aquisitivo facilitava o acesso a LPs e revistas especializadas. Nesses colégios, os que tinham mais acesso compartilhavam informações, gravavam fitas cassete e emprestavam LPs aos colegas menos privilegiados, gestando uma pequena “comunidade de gosto” da qual vão brotar as primeiras bandas de som pesado do interior do Estado.

Por fim, a virada do milênio é marcada pelo advento das novas tecnologias de comunicação, que transformam radicalmente os padrões de consumo cultural. Embora as gerações mais jovens se utilizem intensamente desses mecanismos, os roqueiros mais antigos mostram-se resistentes às novas tecnologias de reprodução e compartilhamento musical. Talvez porque isso represente, para eles, uma evidência de que alguns dos antigos rituais ligados à fruição musical no qual haviam sido socializados, hoje não fazem mais sentido para as novas gerações: a facilidade de acesso e reprodução implica necessariamente em novos tipos de relação afetiva e estética com os conteúdos musicais. As gerações mais antigas, portanto, continuam comprando LPs e CDs e, na maior parte das vezes, não adquirem CDs copiados ou pirateados e nem baixam arquivos de música em MP3 pela internet. Por outro lado, tendem a ser mais tolerantes com relação ao gosto musical, transitando por diversos gêneros, do rock mais tradicional ao progressivo, passando pelo punk, pelo metal e pelas sonoridades mais extremas. Enquanto isso, as gerações mais jovens tendem a desenvolver um gosto mais segmentado.

1. Metodologia

Baseado nos estudos desenvolvidos por Pierre Bourdieu e seus colaboradores, o presente relatório de pesquisa procurou, através de um conjunto de entrevistas em profundidade (fazendo uso de gravadores e câmeras de vídeo), fazer o mapeamento dos espaços e redes de produção, socialização e difusão de música pesada no interior do Estado.

A escolha dos entrevistados teve como principal critério a relevância atribuídas por eles próprios a determinados personagens da cena. Esse critério, também utilizado na delimitação da população entrevistada na pesquisa sobre o heavy metal no Recife (projeto nº 124/09), tem como vantagem a reconstituição das principais redes de relações sociais que ancoram os diversos polos musicais do gênero estudado. Nesse sentido, o relatório que ora apresentamos não tem por objetivo realizar um mapeamento exaustivo de todos os personagens e espaços existentes e/ou que já existiram e que foram lócus de socialização de música pesada no Estado de Pernambuco e, em particular, das cidades de Caruaru, Garanhuns, Vitória de Santo Antão, Carpina e Surubim. Ao contrário, o nosso objetivo aqui é garantir, mesmo que de maneira ainda artesanal, a reconstituição sócio-histórica de alguns dos espaços de convivência, de troca de informações especializadas e eventos musicais que possibilitaram e ainda possibilitam a existência social de uma cena cultural e musical ligada ao heavy metal no Estado de Pernambuco.

Assim, de maneira semelhante ao mapeamento realizado na cidade do Recife em 2010, nessas entrevistas foram enfatizados os seguintes temas:

- Formas de acesso à mídia musical e a informações especializadas sobre o rock internacional e seus subgêneros, com ênfase no metal e suas vertentes;
- Relação entre o consumo musical e a sociabilidade de grupos. Esse mapeamento tenta identificar quais espaços estratégicos serviram como ponto de encontro para aficionados do rock internacional, com ênfase no metal. Pudemos identificar, por meio dos depoimentos, bares, festivais, lojas, becos, esquinas e residências que funcionaram como núcleos de disseminação de mídias musicais (LPs, CDs e cassetes) e troca de informações sobre o metal;

- Mapeamento de bandas locais de referência, que contribuíram para que as cidades de Caruaru, Garanhuns, Vitória de Santo Antão, Carpina e Surubim sejam considerados polos de produção e consumo de música pesada, em particular, de heavy metal (e subgêneros) em Pernambuco, mas também no Brasil;
- Identificação de alguns eventos musicais considerados pelos entrevistados como marcos representativos para se compreender a constituição de cenas e polos de produção e difusão de metal no Estado;

Além disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema para subsidiar a pesquisa. No que diz respeito ao mapeamento virtual da pesquisa, optamos em apresentar os dados levantados numa espécie de linha do tempo (cidade x ano x bandas/eventos (shows e festivais)/registro fonográfico, turnês, lojas, bares) conforme pode ser verificado no anexo deste relatório.

2. Cenários em gestação: a formação da cena metal na capital do Agreste

Numa época em que as condições de isolamento físico e cultural se constituíam em sérios obstáculos à circulação de informações atualizadas sobre música pop internacional, alguns poucos indivíduos começaram a abrir caminhos para a disseminação de estilos musicais derivados do rock na cidade de Caruaru.

2.1. Moisés: o guru caruaruense do rock.

“Se o diabo é o pai do rock como cantou Raul Seixas, Moisés é o pai do rock em Caruaru.”

(David Sebastian, Caruaru, 2012)

Filho de um técnico em eletrônica, Moisés do Nascimento Silva (50) se apaixonou repentinamente pelo rock aos 14 anos, ao escutar Fly to the rainbow, do Scorpions, num

disco de vinil adquirido por seu irmão mais velho. O pai possuía um acervo de trilhas sonoras de filmes, que conseguia através de contatos com os funcionários das salas de cinema de Caruaru nas quais prestava serviços. Com uma facilidade de acesso às trilhas musicais atípica na Caruaru de sua época, Moisés ouviu precocemente Elvis Presley, Beatles, Monkees, e outras bandas que despontaram na década de 1960. Dada a dificuldade em conseguir exemplares de vinil, ainda adolescente, tentava, nem sempre com sucesso, convencer os gerentes das lojas de discos locais A Modinha e Aky Discos, a adquirir exemplares de discos de rock para que ele pudesse comprá-los. Por sugestão de um amigo ainda mais jovem que ele, chega à casa de Humberto, no Recife, um dos principais pontos de encontro da cena roqueira pernambucana na década de 1970. Conhecido como um dos primeiros membros da cena a comercializar exclusivamente material relacionado ao rock, Humberto recebia aficionados de vários bairros do Recife e de várias cidades de Pernambuco, sendo sua casa na Rua da Matriz um ponto de encontro, troca de informações, compra e venda de material especializado. As visitas de Moisés àquela casa passaram a ser frequentes, bem como a ida a outros recantos roqueiros do Recife de então, como a Banca Elvis e os diversos sebos onde, de vez em quando, era possível encontrar alguma raridade. Em cada uma dessas viagens, costumava trazer de dez a 15 discos. De volta a Caruaru, revendia parte do material adquirido, e passou a ser um dos principais mediadores de uma cena roqueira na cidade. O sebo de Moisés tornou-se uma referência em Caruaru, e ele próprio uma lenda entre os roqueiros locais.

Começa a formar-se uma cena de roqueiros na cidade, que costumava se reunir em frente à agência do Banco do Brasil, no Centro da cidade. Moisés calcula esse segmento, entre os anos 1970 e início dos 1980, em aproximadamente 100 pessoas. Frequentemente os cabeludos que trajavam preto eram alvo da hostilidade dos transeuntes que circulavam pelas imediações. A associação imediata com a marginalidade e com a homossexualidade era comum no interior do Estado (e muitas vezes também na capital) por parte das pessoas que não conheciam o universo do rock, o que gerava muitos mal-entendidos e reforçava preconceitos que vitimavam os roqueiros.

Nos anos 1980, Moisés convence seu amigo Bui a abrir a primeira loja de discos especializada em rock do interior Pernambucano. Batizada de Blasfêmia, funcionou na Rua Sete de Setembro, no Centro de Caruaru, mas durou pouco mais de um ano. Em seguida,

abre em 1988 a loja especializada que até hoje é a mais antiga em funcionamento no Estado: a Metalmorphose, de propriedade de Erivaldo Souza (49).

Contemporâneo de Moisés, Erivaldo travou seu primeiro contato com o rock internacional ouvindo Alice Cooper na Caruaru dos anos 1970. A partir de então, despertou o interesse por bandas da época, como Emerson, Lake & Palmer, Pink Floyd e Led Zeppelin. Já no início dos anos 1980 era um dos principais colecionadores de discos de rock da cidade. A dificuldade em conseguir discos do gênero nos anos 1970 e 1980 levava Erivaldo a se juntar com quatro ou cinco amigos pra fazer pedidos coletivos às gravadoras de São Paulo pelo correio. Moisés liderava muitas dessas articulações e participava de tantas outras. Os pedidos demoravam de 15 dias até um mês para chegar.

Depois de aberta a loja, Erivaldo promove o Festival Metalmorphose, considerado o primeiro a incluir sonoridades mais pesadas em Caruaru. A primeira edição, em 1988 não foi tão bem sucedida em função do ecletismo na seleção das bandas. A mistura, na programação, de rock progressivo com reggae e som pesado provocou reações hostis na platéia. A segunda edição do Metalmorphose, voltada exclusivamente para o som pesado, foi mais bem-sucedida nesse aspecto, com a mineira WitchHammer. Mas o evento mais marcante da cena caruaruense havia acontecido em 1987. Naquele ano, o Sepultura chegou à cidade para fazer sua primeira apresentação no Nordeste.

2.2. Show do Sepultura em Caruaru

O deputado federal Wolney Queiroz (40) tinha apenas 14 anos quando resolveu promover um show do Sepultura em Caruaru. Filho de um notável empresário e político local, acabou conseguindo mobilizar os recursos necessários para concretizar aquele plano. Contou, para isso, com a ajuda dos pais e de muita gente da cidade na empreitada. Dois patrocinadores contribuíram com recursos sem muita expectativa de retorno, e os roqueiros locais se engajaram na produção do evento na “brodagem”. As dificuldades foram muitas, desde encontrar um som adequado até a necessidade de desmontar quatro baterias que havia por perto para, com a junção de suas partes, formar uma que servisse para o show. Caruaru não costumava receber até então shows de bandas de fora do Estado. Não havia tampouco uma tradição de shows de rock em Pernambuco. O evento é tido por muitos

como um divisor de águas na cena metal caruaruense, pois o thrash Metal ainda era desconhecido da maior parte do público roqueiro local, que costumava ouvir apenas as bandas clássicas de rock'n'roll, progressivo e metal. A significação daquela apresentação da futura maior banda de metal da América Latina tem ainda uma dimensão maior para a cena do Estado assim como para o próprio Sepultura, uma vez que foi naquela noite de 16 de maio de 1987 que o hoje líder Andreas Kisser estreou como guitarrista.

A banda de abertura, Sendero Luminoso, veio do Recife e contava com o designer e zineiro Guga Ekhart no vocal e dois membros do Arame Farpado (entre eles, Linde Oliveira, posteriormente proprietário da Caatinga Produções e engenheiro de som da Nação Zumbi).

“Perdi o show porque era muito radical na época e só gostava de hard e heavy”, conta Raionato “Nato” Vila Nova, baterista e vocalista da Psych Acid. “É uma vergonha, triste pra caramba, mas eu perdi o show do Sepultura de Caruaru”, relata o músico, dando uma ideia de como a cena caruaruense vê o evento. “Acho que foram umas 250 a 300 pessoas. As pessoas chegaram cedo, elas ajudaram a montar o som, a bateria. Todo mundo queria que desse certo”, relata Queiroz. “A gente não sabia que essa ia ser a formação mais importante do Sepultura e que Caruaru seria esse marco.”

Para Erivaldo, o show do Sepultura significou a ampliação de um público, ávido por sonoridades mais extremas. “O conhecimento que a gente tinha era o rock'n'roll, o blues, rock progressivo e um pouco de heavy metal como Iron Maiden e Black Sabbath, que seriam os pioneiros. Thrash ainda era algo inusitado para a nossa região.”

Para as gerações mais novas, a importância nem é tão grande assim, como evoca o professor e radialista David Sebastian (27): “Aqui teve Sepultura, mas não é o Sepultura que a gente conhece, não é o Sepultura com sucesso internacional. Não foi uma superprodução”.

2.3. Colégios de classe média

As novidades provenientes da Bay Area de São Francisco pareciam circular de modo mais ou menos restrito entre os adolescentes contemporâneos de Wolney, alunos dos colégios São Francisco e Diocesano, tradicionais instituições educacionais frequentadas

pelos filhos da classe média e alta caruaruense. Para Alex, fundador da banda Storms, o Colégio Santo Antônio, hoje demolido, concentra parte fundamental da memória adolescente do heavy metal em Caruaru. Este era, segundo ele, um reduto de metalheads, reunindo uma juventude muito antenada com o que estava acontecendo no mundo em termos de música pesada. Como aluno deste colégio, ele revela a avalanche de informação que lhe invadiu a cabeça, bem como sua predisposição a assimilar aquilo. Relata que amigos da escola viajavam com frequência ao exterior e traziam novidades do heavy metal para a cidade, injetando novos sons e idéias nos ambientes frequentados por aquela juventude.

2.4. Espaços públicos

O referido show do Sepultura, que aconteceu no Teatro João Lyra Filho, em maio de 1987, marcou também a transição da cena de ambientes privados para espaços públicos. Apenas um ano depois, Erivaldo abriria sua loja Metalmorphose e promoveria o festival com o mesmo nome, o primeiro de rock e metal na cidade de Caruaru. E só em 1998 abriria na cidade o primeiro bar especializado em rock e metal: o Rock Bar, sob o comando de Nato, fundador da banda Psych Acid. Apesar da boa frequência de público, o Rock Bar durou apenas um ano. Nato ainda teve uma segunda experiência como administrador de bar, que foi com o Templo do Rock. Aberto em 2003, esse espaço, a exemplo do Rock Bar, abrigava shows tanto de estilos mais pesados como de blues ou rock nacional, a depender do dia. Entretanto, essa iniciativa durou também apenas um ano, apesar da boa presença do público.

Um outro reduto dos roqueiros e metaleiros caruaruenses, embora mais eclético, era o Diamantino, que há alguns anos passou a funcionar numa colina afastada da cidade. Lá, o público incluía, mas não se restringia àqueles que gostavam de rock. Tocava do metal ao pop, de Sepultura a Coldplay.

Hoje, o Rock in Bar funciona como Ponto de encontro, com mesas na calçada, há seis anos. É o aparentemente mais longo bar do gênero em Caruaru. Sem falar no Metal Beer, que fica nas proximidades do Pátio de Eventos e atrai músicos, produtores e aficionados.

2.5. Sons extremos em Caruaru

Em fins dos anos 1980, começam a surgir as primeiras bandas caruaruenses a investir num som pesado e autoral, dentre as quais a Storms foi uma das primeiras. Criada em 1988, incorporava fortes influências de bandas como Slayer, Kreator e Destruction. Alex (41), um dos fundadores da Storms era aluno do Colégio Santo Antônio, e conseguiu acesso ao material de boa parte daquelas bandas com o lendário Moisés, que àquela época já era proprietário de um acervo invejável rico em todos os gêneros do rock, incluindo muito material raro. A Storms se define como metal/thrash metal.

Alex nunca teve educação formal em música, e se define como “músico intuitivo”. Considera o Kreator uma referência importante tanto do ponto de vista instrumental quanto no trabalho com os vocais, e ressalta sua preferência pelos LPs iniciais da referida banda alemã. A Storms tocou já na segunda edição do Festival Metalmorphose, em 1989, e a partir de então iniciou uma exaustiva rotina de ensaios e shows em várias cidades do Nordeste, segundo Alex, de forma desorganizada. A banda encerra sua trajetória relâmpago em 1991.

Também em 1988 surge a Nekrofago, que tem no guitarrista e vocalista Kleber Gomes (39) um de seus fundadores. Influenciada pela cena extrema de Minas Gerais, que abrigava bandas como Sepultura, Sarcófago e Sextrash, faz um som que poderia ser rotulado, segundo o próprio Kleber, como black/death metal. Longe de casa, a banda faz seu primeiro show em 1989, no clube Prazerinhos, em Jaboatão dos Guararapes, que começava a se consolidar como point da segunda geração de bangers recifenses. Kleber se lembra de, aos 15 anos, ter vendido uma motocicleta para viabilizar aquele que seria o show de estreia da banda. Depois de se apresentar algumas vezes em Caruaru, Recife e Campina Grande, a Nekrofago encerra as atividades no início dos anos 1990. É ainda hoje lembrada por alguns integrantes mais antigos da cena pernambucana por ter sido uma das primeiras bandas do Nordeste a subir no palco com maquiagem típica das bandas contemporâneas de black metal.

Outras bandas de thrash e death Metal pipocaram na Caruaru daquela época, a exemplo da Necrose e da Sinister. Inspirado nestas bandas, Nato funda em 1990 a Psych Acid, com uma sonoridade que mescla influências do Thrash e do death metal. Começaram

tocando covers do Destruction e do Exodus, referências comuns também às outras bandas que tocavam na cena local. Depois, já um power trio com Nato na bateria e nos vocais, partem para um trabalho mais autoral com base naquelas sonoridades. Além de Caruaru, a banda toca em várias cidades do Nordeste, dentre as quais Campina Grande, Maceió, Fortaleza e Recife.

Em 1991, Kleber forma uma nova banda, a Extreme Death, que contava com Nato na bateria e Mário na guitarra, ambos integrantes do Psych Acid. Se na Psych, a pegada era mais thrash metal, a Extreme fazia um som mais influenciado pelo death. Em 1995, já com outra formação, a banda encerra suas atividades. O mesmo acontece com o Psych Acid em 1997.

Uma das principais bandas da cena contemporânea de Caruaru é a Alkymenia, liderada pelo baixista e vocalista Lalo (22). Criada em 2003, é formada por três irmãos que aprenderam a tocar como autodidatas. A Alkymenia se rotula como thrash/death metal. Embora tenham começado fazendo muito mais thrash, foram com o tempo incorporando uma sonoridade mais rápida, uma bateria mais carregada e mesclando vocais guturais e rasgados. Assumem desde uma influência do rock'n'roll mais antigo até o som mais brutal que se faz hoje. As temáticas das canções são diversas, desde temas mais obscuros e mensagens negativas até mensagens positivas. Segundo Lalo, temáticas que provocam a reflexão sobre as atitudes diárias no plano individual. Em 2009, foi a primeira banda do interior de Pernambuco a vencer a seletiva estadual do Wacken Open Air (festival alemão que é considerado o principal do estilo no mundo), e a representar o Estado na seletiva nacional. Em outubro de 2012, se tornou a primeira banda caruaruense de metal a excursionar pela Europa.

Depois que a Extreme Death retoma suas atividades em 2005, algumas bandas inativas da “velha guarda caruaruense” voltaram à cena. Em 2009, foi a vez da Psych Acid. Já a Storms ficou cerca de 20 anos parada - adormecida - tendo voltado à ativa recentemente. A banda nunca foi esquecida, embora na época não tenham feito nada pensando na posteridade. Segundo Alex, era apenas “sangue e amor pelo metal”. A volta coincide com uma nova dinamização da cena com festivais como Visions of the Rock, produzido por Levi Byrne.

O festival produzido pelo recifense radicado em Caruaru deu uma nova dinâmica à cena caruaruense. Desde junho de 2010, dezenas de bandas – internacionais (Assassin), nacionais (Korzus, Anthares e Andralls), estaduais (Cruor, The Ax, Cangaço, Malkuth) e locais – já passaram pelos palcos interno e externo do Teatro João Lyra Filho, tornando o Visions of the Rock como mais importante evento do interior do Estado no gênero. Caruaru ainda é berço de bandas de vários estilos como Cantus Infame (black), Perpétuo Insigne e Kinto Karma (heavy metal), Cachorro da Doença (grindcore), Epoch of Hate (death), Arkhan (heavy/thrash) e Silent Revelation (prog).

3. De Surubim a Berlim: o Agreste produzindo metal para o mundo.

A cidade de Surubim, localizada no agreste setentrional pernambucano, a 120 km do Recife, é reconhecida não apenas por ser a capital da vaquejada, mas também por ser o celeiro de duas das bandas pernambucanas de metal que primeiro excursionaram pela Europa: a decana Hanagorik e a pupila Insurrection Down.

A Hanagorik, fundada em 1991, é uma das mais longevas bandas do metal pernambucano. Um de seus fundadores, o guitarrista Arthur “Tuca” Amaro (40), morou no Recife entre 1980 e 1985, onde teve seus primeiros contatos com o rock nacional. Naquele mesmo ano de 1985, de volta a Surubim, cria com amigos a banda Ice Kiss, influenciada por referências clássicas do rock tupiniquim como Lobão, Paralamas do Sucesso, RPM, Cazusa, e também pelos Beatles. Além de Tuca nas guitarras e no vocal, a Ice Kiss contava com mais dois futuros integrantes da Hanagorik: Tontonho (40) no baixo e Beto (40) no teclado. Júnior, que tocava bateria, foi outro músico daquela banda que também tocava por algum tempo na Hanagorik.

Tuca cita a importância da televisão nos anos 1980, época em que era mais difícil o acesso à informação musical. Em programas musicais como o Clip Clip e o Mixto Quente assistia à performance de grandes nomes do pop rock nacional, tais como Ultraje A Rigor, Zero, Pepeu Gomes e Robertinho do Recife (os dois últimos com seus flertes com a música pesada), só para citar alguns.

Em 1991, Cláudio, primo de Tuca que residia em Brasília, se muda para Surubim. Dono de uma invejável coleção de LPs de rock, que incluía clássicos como Led Zeppelin,

Deep Purple, Jimi Hendrix, Black Sabbath e Emerson, Lake & Palmer, foi o responsável por apresentar essas sonoridades àqueles roqueiros de Surubim, cujo universo musical era mais ou menos restrito ao rock nacional dos anos 1980 e Beatles. O contato com essas bandas seminais dos anos 1970 acaba por ser uma experiência enriquecedora para Tuca. Ele relata o prazer da descoberta de um leque de possibilidades experimentais que iriam além das estruturas musicais que conhecia até então.

O contato com Cláudio e os sons que ele apresentou ao grupo estimularam Tuca e os rapazes da antiga Ice Kiss a fundarem o Hanagorik, com Cláudio como seu primeiro baterista. No início, a banda tocava covers de clássicos do rock. Posteriormente, com a entrada de Jones (38) como vocalista, e por influência deste, incorpora ao repertório covers de The Smiths e The Cure, além de bandas da então emergente cena grunge de Seattle, como Soundgarden, Pearl Jam e Nirvana. Na época a banda ensaiava na própria cidade de Surubim, nos mesmos lugares em que ensaiavam bandas como Os Vibrantes, antigo conjunto de bailes local, que existia desde os anos 1970.

Em paralelo ao trabalho da Hanagorik, os músicos atuavam profissionalmente tocando em bailes e trios elétricos, o que permitiu a eles não só bancarem os ensaios da banda, como também arrecadarem os recursos necessários para investir na primeira demo tape. Gravada em 1993 no estúdio Somax, no Recife, a demo tinha um repertório quase todo em português. Apesar do estúdio ser bem equipado, os pedais de guitarra dos músicos, no entanto, não tinham uma qualidade à altura para a gravação de determinados trechos. O problema foi resolvido quando por acaso, um guitarrista profissional do Recife chamado Lalá presenciou a gravação e, ciente da dificuldade técnica, emprestou bons equipamentos ao grupo. A demo, intitulada Imagens e Colagens, acabou servindo como um bom portfólio para a banda.

Os primeiro show no Recife aconteceu no Bar Oficina Mecânica, no Pina, vizinho à lendária Soparia, junto às bandas recifenses Andaluza e Infected. Os show serviu como porta de entrada da banda à cena underground da capital. As apresentações da Hanagorik no Recife passaram a ser frequentes. Era comum também vir um ônibus de Surubim com fãs para assistir aos shows, o que garantia um bom público às apresentações.

A segunda demo tape da Hanagorik, intitulada Screaming Again, foi gravada em 1995, no estúdio Prosound, de Campina Grande, já com repertório em inglês. Graças à faixa I'm Not

Blind, a banda ganha a premiação da Boss/Rock Brigade como a melhor banda underground de 1996, indo se apresentar em São Paulo, no extinto Aeroanta. A premiação, na época R\$ 10 mil, serviu para financiar a gravação do primeiro CD, Uncivil (1997). Gravado também no estúdio Prosound, é a partir dele que a Hanagorik define seu estilo como banda de som extremo e começa a tocar com mais frequência no Recife e em outras capitais nordestinas.

Em 1996, a Hanagorik consegue o segundo lugar na etapa nordestina do festival Skol Rock, com a canção Carcaças e Carcarás, ficando atrás da banda recifense Severinos Atômicos. A canção, que misturava o som pesado a elementos percussivos de música regional, chegou a ser considerada na época como um sinal da possível adesão do Hanagorik a uma estética mangue. Contudo, a composição, feita em 1989, precedia a eclosão do Movimento Mangue e todo o hype criado em seu entorno, argumento utilizado pela banda para rebater qualquer insinuação de oportunismo. No ano seguinte, a Hanagorik fica novamente em segundo lugar na etapa nordestina do Skol Rock, com a canção Uncivilized perdendo desta vez para a banda Frank Jr.

Em fins dos anos 1990, os integrantes da Hanagorik recebem um convite para conhecer a Europa. Um amigo de Surubim, que trabalhava no consulado brasileiro em Berlim, ofereceu-se para hospedá-los na capital alemã caso fossem à Europa. Em 2000, após lançar seu segundo CD, For Kids With Some Problems, vislumbram a oportunidade de se apresentar no Velho Continente e conseguem agendar uma apresentação na Alemanha, na cidade de Bischofsweier, a 220 km de Berlim, em 4 de agosto de 2000. Aproveitando integralmente a estadia legal de três meses, a Hanagorik emplacou uma sequência de shows enquanto esteve na Europa, realizando a primeira turnê de uma banda pernambucana de metal no exterior. A partir daí, foram mais três turnês européias, em 2002, 2003 e 2007, passando por países como Áustria, Alemanha e Bélgica.

A apresentação histórica, ao lado de Os Cachorros, na casa de shows Dokas, 5 de maio de 2001, no Recife Antigo, logo após a primeira turnê européia da banda, dá a dimensão do peso simbólico que a Hanagorik adquiriu no meio underground pernambucano. Na ocasião, a casa teve lotação esgotada, com oitocentos ingressos vendidos oficialmente, e uma multidão incalculável do lado de fora, sem conseguir entrar. O proprietário do local, Ervel Lundgren, fala em mil pessoas dentro da casa e 2 mil fora.

“Tinha gente com dinheiro na mão querendo entrar e não conseguia”, lembra Alemão, como é conhecido.

3.1. Insurrection Down

A casa de Tuca havia se tornado, ainda nos anos 1980, ponto de encontro para a curtidão musical, de vídeos e para a troca de informações sobre rock. Roqueiros como André Gomes (36), da Insurrection Down, foram doutrinados naquelas reuniões. Tuca costumava ir com frequência a lojas e sebos do Recife para se atualizar e trazer novidades em vinil e fita cassete. César Fabrício, da Insano Booking, também é citado como um importante mediador, e foi um dos primeiros, a partir dos anos 1990, a apresentar ao grupo de Surubim materiais com sonoridades mais pesadas.

A Hanagorik acaba se tornando uma importante referência em Surubim para a geração de roqueiros e bangers que brotava na cidade. Foi depois que presenciaram uma performance da Hanagorik na cidade, em 1993, que Carlos Gordo (38) e André Gomes decidiram tocar seu primeiro projeto de banda, que tocava covers nacionais. Depois da fase cover, passaram a tocar hardcore em português, e aos poucos foram migrando para o inglês junto com a mudança de estilo. Com o tempo, sentem a necessidade de fazer um som mais elaborado. A Insurrection Down torna-se então a segunda banda de Surubim a alcançar notoriedade na cena underground pernambucana.

O primeiro EP da Insurrection Down, *Ignorant Minds* (2002), foi gravado no estúdio da Hanagorik, em Surubim, bastante influenciado pelo som do Sepultura. Foi recebido com matéria nas revistas *Rock Brigade* e na *Roadie Crew*. Naquele mesmo ano, a banda toca pela primeira vez no Recife, no festival PE no Rock. Em 2004, gravaram o segundo CD, intitulado *Ultimate*, o qual foi entregue a Paulo André Moraes, produtor do *Abril pro Rock*, que os convida, naquele mesmo ano, a se apresentar no festival. O show aconteceu na noite dedicada ao som pesado, ao lado de bandas consagradas como Ratos de Porão e Korzus.

Foi por influência de César que os integrantes da Insurrection Down se convencem a incorporar sonoridades mais pesadas ao som da banda como estratégia para se promoverem no exterior. Através da internet, César consegue agendar uma sequência de

shows no Velho Continente, e em 2007 a banda viaja à Europa para sua primeira turnê internacional. Foram mais de 50 shows em sete países no intervalo de três meses, em locais pequenos com capacidade para 100 a 200 pessoas, muitos deles pubs. Os integrantes da banda ressaltam a importância da internet como ferramenta para divulgação do trabalho e agendamento de shows.

Falando em agendamento de shows, a Insano Booking é uma empresa de agenciamento e gerenciamento de bandas que extrapolou as fronteiras do Estado, criada em 2004. Agenciou também outras formações pernambucanas, como Decomposed God e Rabujos) e do País e atualmente se mantém no mercado de turnês europeu com grupos da França, Alemanha e Grécia, além de bandas brasileiras.

3.2. Interação

Como em outras cidades do Interior de Pernambuco, Surubim não foge à regra de ter uma escola como centro irradiador e aglutinador de tendências musicais. No caso em questão, o Colégio Marista Pio XII, fundado em 1960. Tuca, do Hanagorik, e André e Gordo, do Insurrection Down, foram alunos maristas. Os membros do Insurrection Down tiveram suas primeiras experiências musicais na banda do colégio. E o guitarrista do Hanagorik continua a tradição: Tuca ensina música na escola em que estudou.

Uma outra instância de interação e troca de experiências, ainda que num estágio mais avançado de participação na cena para os surubinenses, é a realização do Surubim Rock Fest. Germinado, gerido e produzido pela turma do Hanagorik, o evento começa a ser realizado em 1993, ou seja, pouco mais de dois anos após o surgimento da nave-mãe de Surubim, a banda que rivalizou com Chacrinha e Capiba na tarefa de atrair atenção para a cidade.

O festival durou até o ano de 2004 e acontecia no segundo semestre, normalmente nos meses de outubro ou setembro. De acordo com Tuca, o Surubim Rock Fest era “tocado” por Otoniel e Jorge, amigos e roadies do Hanagorik, quando a banda estava em turnê na Europa. Pelo evento passaram bandas locais, da região e até de outros Estados, como Lockheed e Medicine Death (PB).

4. Garanhuns : o metal na Cidade das Flores

Uma das principais instâncias mediadoras do metal na Cidade das Flores foram as lojas especializadas em rock pesado, que surgiram em todo Estado, majoritariamente, a partir da década de 1990. De maneira um pouco distinta de Caruaru (onde as lojas dividiram relevância com os "gurus" e o ambiente escolar), em Garanhuns a popularização do metal e do hardcore se deu, essencialmente, através da frequência aos estabelecimentos comerciais do gênero.

A ida recorrente às lojas Oficina Armorial e Vinil Alternativo, ambas surgidas no início dos anos 1990, parece ter sido uma das principais estratégias mobilizadas pelos aficionados do rock garanhuenses para aquisição do material fonográfico. De acordo com Mauricio Valença, ex-guitarrista do Estado Suicida e Carbonized, bandas que tiveram um respaldo significativo na cena local, “a gravação de fitas cassete nas lojas foi um meio de conhecer os estilos”.

Além das gravações, era possível, de maneira mais rara, comprar (encomendar) discos. No entanto, a falta de informação prévia sobre os artistas e os discos fazia com que, muitas vezes, o investimento feito para construção de um “acervo legal” deixasse a desejar. Assim, "você tinha que comprar um disco no escuro, sem saber se era bom. Investia aquela grana suada para ter um acervo legal (...) então muitas vezes se comprava um disco no escuro, sem saber se era bom". Assim, foi graças as trocas de cassetes e discos que se conhecia bandas como Dismember e Napalm Death, além de bandas nacionais como The Mist, de Minas Gerais, que, na percepção de Valença, tinha na cidade uma legião de fãs maior que a do Sepultura.

A importância das lojas, bem como de bares também é apontado por Rivelino Silva, vocalista do Instinct Noise (ex-membro de Estado Suicida e Carbonized), banda que participou da seletiva do Wacken Battle Metal, no Recife em 2011. Na década de 80 “não dava nem pra andar de visual em Garanhuns, pois não havia como nem onde conseguir acessórios para tanto”. Foi somente na década de 1990, quando a cidade contou com a primeira loja especializada, que se formou pouco a pouco um grupo (público) interessado em escutar e conhecer os diferentes estilos do heavy metal. Rivelino afirma que foi freqüentando a loja de seu amigo Jason, por exemplo, que “começou a sacar o som com

mais garra” e conheceu bandas como Napalm Death, Obituary, Entombed, Dismember e Carcass. O bar Zeppelin, de propriedade de Jason, também se constituiu em um lócus de socialização importante para difusão do metal na cidade uma vez que foi aí que se formou um conjunto de jovens que passaram a movimentar uma cena.

Embora o primeiro show underground tenha sido realizado, segundo alguns integrantes do cenário, em 1986, no estádio do Sete de Setembro, marcado pela presença de bandas de heavy metal oriundas de cidades vizinhas, é somente a partir de 1991 que a cena ganha uma maior dinamicidade. Os shows realizados em escolas e centros sociais localizados no subúrbio, com um público médio de 300 pessoas, passaram a ser uma constante em Garanhuns, bem como a circulação de bandas de diferentes da região (Caruaru, Recife e Campina Grande).

Assim, ao contrário do que ocorreu na maioria das cidades mapeadas (Caruaru, Vitória de Santo Antão, Surubim, Carpina e Recife) durante toda a década de 1990 a cena metal de Garanhuns esteve em plena efervescência. Além dos shows nos centros sociais, galpões e clubes como o BNB, a cidade contava com o Bar da Nira, lugar crucial para a mobilização da cena. De acordo com Valença, o local era bem pequeno, onde cabiam no máximo 70 pessoas, mas nas tardes de domingo era possível colocar até 120 pessoas nos shows de metal que aconteciam a cada dois meses durante a década de 1990. A forte participação e interação do público também é um dado observado por Sebastião dos Santos, vocalista e guitarrista da banda Morbdus, de black metal, uma das mais antigas da cidade . Num período em que se costuma falar de “decadência” da cena metal em praticamente em todo o Estado, normalmente atrelada a ascensão do manguebeat, Garanhuns se sobressai, sobretudo, em função da presença de um público interessado e especializado em metal e em seus subgêneros.

Além de um público assíduo, a cidade contou nos anos 1990 com a realização do Festival de Inverno de Garanhuns (FIG), espaço que possibilitou também a visibilidade da cena na medida em que contou em seu elenco com bandas de metal (Estado Suicida) e música pesada em geral (Devotos, Barão Vermelho, Titãs) não apenas da cidade.

4.1. Festival de Inverno de Garanhuns

Criado em 1990, o Festival de Inverno de Garanhuns tem se constituído em um evento importante de difusão da cena metal em Pernambuco. Embora a noite dedicada à música pesada tenha durado apenas três edições (de 2009 a 2011), e que o evento produza, como relatam vários músicos de diferentes estilos (e não apenas de metal, diga-se de passagem), mais efeitos econômicos do que culturais propriamente ditos para a região, o evento, bem ou mal, acabou por favorecer a construção de um espaço importante de visibilidade e até (re)conhecimento da cultura metal para a cidade e o Estado.

O Estado Suicida, uma das bandas consideradas mais importantes da cidade, participou de praticamente todas as edições do FIG durante os anos 1990. Além de conferir um lugar de maior evidência, é preciso mencionar que participar do Festival de Inverno possibilita a vários dos músicos de metal fazer uso de toda uma estrutura física (equipamentos de som, luminárias, palco etc.) raramente encontrada em festivais e shows organizados por produtores ou músicos do próprio meio.

Essa experiência social parece, pelo menos para boa parte dos entrevistados, se constituir como fundamental para legitimar a cultura metal dentro do cenário estético cultural de todo o Estado. Além das bandas locais, como Instinct Noise, Estado Suicida, Infectus, Carbonized, o FIG contou também com bandas do Recife, como Decomposed God, Devotos, Cangaço, Subinfected, Desalma e Rabujos.

Além do Festival de Inverno, Garanhuns conta atualmente com o Festival Fúria Night, organizado por Rivelino Silva, vocalista do Instinct Noise, banda criada em 2003. O festival teve em 2011 a primeira experiência privada de metal em praça pública da cidade. Embora tenha reunido em torno de mil pessoas e ter garantido o intercâmbio entre bandas de outras cidades da região, é preciso salientar que a cena não mais possui a mesma lógica de funcionamento que na década de 1990, pois esse festival parece se consolidar como um dos poucos eventos direcionado a cultural do heavy metal e seus subgêneros a acontecer na cidade nos dias de hoje. O festival parece ter funcionado como um meio de interação e integração não somente entre os aficionados do metal mas também com a população local que esteve presente no festival uma vez que o mesmo aconteceu em um local central e

estratégico (local de tráfego intenso de pedestres) na cidade.

4.2. Sons extremos em Garanhuns

Como já dito, é somente na década de 1990 que as primeiras bandas de música pesada e autoral se formam e se consolidam em Garanhuns, embora se tenha notícia da existência de algumas bandas como Peste e Dicotomia e aquelas que faziam covers de alguns clássicos, como era o caso da banda Flash, que tocava músicas do Black Sabbath, AC/DC etc.

Assim, uma das primeiras bandas a investir fortemente num som mais pesado parece ter sido a Estado Suicida, criada em 1990 e que iniciou, em função de sua composição, apostando no hardcore, punk e algumas pinceladas de metal. A banda só passa a se definir como uma banda de metal, com a entrada de Valença na guitarra, influenciado pelo thrash e death metal, estilos que conheceu graças às lojas especializadas em metal existentes no Recife, lugar para onde viajava frequentemente para acessar as novidades da época.

Influenciado por bandas como Carcass e Napalm Death, a Estado Suicida esteve presente, em praticamente, boa parte dos eventos de metal toda a região próxima a Garanhuns e do Nordeste nas últimas duas décadas: do Festival de Garanhuns, passando por eventos e festivais de pequeno porte em Lajedo, Petrolina, Recife, Caruaru, Maceió e Campina Grande.

Além da Estado Suicida, uma outra banda de referência da cidade, mesmo que não tenha até hoje registrado qualquer tipo de material fonográfico, é o Morbdus. Definida por Sebastião dos Santos, vocalista e guitarrista da banda, como satanista, a banda de black metal foi criada em 1991 e é uma das mais antigas no estilo em Pernambuco. O mentor do Morbdus iniciou sua vida ativa ao som do punk de bandas como Garotos Podres, Ratos de Porão e DRI. Transitando entre o punk e o rock nacional nas primeiras experiências musicais, Sebastião dos Santos pôde vivenciar ainda na década de 1990, toda a consolidação da cena de metal de Campina Grande, conhecida e reconhecida como uma das mais fortes e “antenas” do Nordeste.

Assim, o acesso a nomes como Unleashed, Celtic Frost, Behemoth, Venom e Bathory - isto é, bandas que transitam entre os estilos considerados mais extremos dentro do heavy metal - era comum entre a juventude de Campina Grande que fazia a cena de metal daquela cidade. Com os ouvidos bem apurados e fortemente influenciado pelo novo estilo estético cultural, Sebastião dos Santos, decide transformar o Morbdus em uma banda de black metal, após sua experiência no show do Morbid Angel, em 1991, no Recife.

A banda passou por várias formações, fenômeno recorrente em bandas de metal (nem todos aderem ao estilo de vida), mas pôde apesar disso construir uma certa projeção na cena local e no Nordeste, na medida em que circulou por espaços de sociabilidade importantes do metal seja no Recife, em Jaboatão dos Guararapes e Olinda, seja Campina Grande, na Paraíba.

Já a Carbonized, banda de death metal, teve seu início apenas em 1998 e exerceu importância na vida de praticamente boa parte das bandas que foram criadas no final da década e nos cinco primeiros anos do século 21. Como cita Eduardo Holanda, guitarrista da Still Living, quando “a Carbonized parou, uma sequência de bandas também parou (...) Foi em 2005, 2006 (...) a gente sempre via (a Carbonized) como uma banda muito organizada, e se torna referência dentro do cenário”.

A Carbonized se destacava por produzir um death metal de qualidade e travava um importante intercâmbio com outras bandas do interior, além de se apresentar com uma certa frequência no Recife - como no histórico festival Terrordome, em comemoração aos 10 anos do Decomposed God, em 2001.

Além de ser a anfitriã de diversos eventos, a Carbonized, que tinha nas suas fileiras um outro Rivelino - Mendes, guitarrista que já passou por diversas bandas, incluindo o Subinfected, do Recife -, lançou, em 2001, a demo The Evil Dead, pelo selo recifense Moondo Records. A gravação contribuiu para a popularização do grupo, que durou até o fim da primeira década do século 21.

Nos últimos dez anos, a cena contou com a participação de bandas como Instinct Noise, banda de thrash Metal, criada em 2003, cujo atual vocalista é Rivelino Silva, ex-integrante da Estado Suicida e organizador do Fúria Nigth, evento que já trouxe para Garanhuns grupos como Hanagorik e Oddium. A banda também participou da seletiva do Metal Battle do Wacken, no Recife, no Bomber Rock Bar, em 2011. Fortemente

influenciado por bandas como Megadeth, Metallica e Slayer, a Instinct Noise participou da última edição do Festival de Inverno, na modalidade palco itinerante, fato sublinhado pelo vocalista “como sendo uma oportunidade única e importante” para reconhecimento da banda.

Ainda no início do século 21, temos a banda Abominatus que iniciou sua vida fazendo death doom metal e atualmente aposta em um estilo mais voltado para o symphonic black metal, gênero em que se enquadram seus integrantes. Nos últimos cinco anos a cena incorporou ainda a Still Living, banda de hard rock/heavy metal, criada em 2004, tendo uma forte influência do hard rock e AOR, como Whitesnake, Journey e Fastway, e rock progressivo, e a banda de power/thrash metal, Arché, criada em 2007, que participou juntamente com a Instinct Noise do Fúria Nigth em 2011, além da volta da Preludium, que conta com ex-integrantes da Carbonized e Still Living.

5. Vitória das Tabocas e o Metal

5.1. Cristóvão do Rock: “o tribuno vitoriense do rock mundial”²

Não muito diferente de Caruaru, a cena metal de Vitória de Santo Antão, cidade da Zona da Mata, localizada a cerca de 45 km do Recife, contou com a participação de um importante mediador, Sebastião Ferreira Junior, conhecido por Cristóvão Rock. O mentor do Blizzard of Rock, nasceu em 1957, e de maneira semelhante aos caruaruenses Moisés e Erivaldo, exerceu a função de “disseminador” do rock e do metal na cidade da Vitória das Tabocas.

Logo após descobrir os primeiros discos do Black Sabbath e Pink Floyd por intermédio de seus colegas de escola, Cristóvão passou também a frequentar a casa de Humberto, na Rua da Matriz, no Recife. Empolgado pela maneira que seus colegas falavam sobre as histórias das bandas, Cristóvão decide buscar outros canais para, como ele mesmo afirma “aprofundar e conhecer outras bandas”. Foi, portanto, com indicação de um colega do Colégio 3 de Agosto, antigo Ginásio de Vitória, que a casa de Humberto passou a ser um locus de aprendizado importante para Cristóvão, pois além das compras, vendas e

² Jornal A VERDADE, Vitória de Santo Antão, 30 de junho de 2012, caderno de Cidades, B-2.

trocas de discos raros, era comum as conversas em torno dos diferentes estilos musicais, sobre a dinâmica da cena e dos grupos de rock que existiam no interior do Estado.

A partir de 1981, período em que Moisés e Erivaldo freqüentam com mais assiduidade a Rua da Matriz, Cristóvão afirma que “ia pelos menos duas vezes por semana” gastar praticamente toda a “mesada que recebia dos pais” na compra de discos.

Esses discos, por sua vez, eram gravados em fitas cassetes e distribuídos entre os colegas de escola de Cristóvão, que de acordo com ele, foram os responsáveis por introduzir o rock em Vitória de Santo Antão. Foi com eles também que o realizador do Blizzard of Rock conheceu Deep Purple, Queen, Iron Maiden e AC/DC.

De posse de todo material fonográfico e do conhecimento que vinha sendo acumulado entre as idas e vindas à casa de Humberto, Cristóvão assume, em 1983, o programa Feras do Rock, transmitido pela Radio Cultural da Vitória AM, juntamente com mais um colega da época, Pedro Júnior. Divulgando os diferentes estilos do rock, além de breves relatos sobre a história da criação e propagação do rock'n'roll no mundo, o programa tem, ainda hoje, o objetivo de divulgar eventos e bandas de todo o Estado.

A participação de Cristóvão na formação da cena metal de Vitória de Santo Antão pode ser percebida não apenas na criação dos primeiros eventos e festivais de rock e metal da cidade (I Concerto de Rock da Vitória, Blizzard of Rock, Uma Noite em Liverpool) e/ou apoio para bandas, mas também na constituição do gosto musical de alguns músicos que se tornaram referência na cena metal da cidade, como, por exemplo, Flávio Brito, baixista da Obscurity Tears, criada em 1997.

5.2. Espaços públicos

Um dos primeiros eventos de rock da cidade foi o show de comemoração de aniversário da banda Mercúrio Cromo, considerada a primeira banda de rock da cidade. Este evento teve como mentor e produtor Cristóvão, que após retornar do Rock In Rio I de carona, em 1985, passou a investir na realização em eventos especializados de rock. Após produzir esse evento, que aconteceu na quadra do Colégio 3 de Agosto, o produtor realizou o I Concerto de Rock de Vitória, em 1992. Este evento foi um dos primeiros a promover uma circulação entre bandas do interior e da capital do estado. Tocaram nesse evento:

Devotos do Ódio (hoje Devotos, Recife), The Ax (Recife), Putrefação (Recife), Mercúrio Cromo (Vitória) e Realidade Encoberta (Recife) - no que foi o último show do militante e vocalista Nado. Foi com essa bagagem que, em 1993, Cristóvão realiza a primeira edição do Blizzard of Rock, festival que, embora tenha se consolidado apenas nos últimos dez anos (entre 1993 e 2000 não contou com qualquer edição), assumiu importância para todo o Estado, na medida em que possibilitou a troca de experiências entre vários músicos de música pesada e, em especial, dos diversos subgêneros do metal. Aglutinando não apenas bandas do Estado de Pernambuco, o Blizzard of Rock possibilitou a afirmação de um público cada vez mais interessado e interessado no metal. O resultado da enquete realizada pela internet para a realização de uma das edições serve de exemplo do poder de consolidação do público que o festival foi viabilizando ao longo do tempo, como relata Flávio Brito, colaborador junto com Cristóvão da montagem do festival.

Além dos festivais, entre 1985 e 1992, ano em que organizou o segundo evento de rock na cidade, Cristóvão inaugurou a primeira loja especializada em Rock, Great Sound, substituída em 1991, pela Mascatte Som, e que, atualmente, chama-se Clássicos do Rock.

5.3 Fazendo doom metal em Vitória de Santo Antão

A primeira banda de Vitória de Santo Antão, como já citado acima, parece ter sido a Mercúrio Cromo, formada no início dos anos 1980. Somente no início dos anos 1990 que, em função do desmantelamento da banda Cangaço Negro (1985), a primeira a misturar rock, forró e baião, que aparecem as primeiras bandas de metal da cidade.

A banda de death metal Scum, formada em 1993, é um dos exemplos. A banda teve forte influência de Cristóvão, que na época chegou a presentear o então guitarrista Flávio Brito com uma cassete contendo músicas do Whitesnake e Ozzy Osbourne, entre outros. Como Cristóvão, Brito também estudou no Colégio 3 de Agosto e teve acesso aos primeiros discos de rock com seus colegas de classe. O próprio afirma: “Ele (Cristóvão) fez uma salada lá para mim e me deu a fita de presente, porque eu conhecia poucas bandas”.

O presente do guru do rock vitorienense parece ter sido fundamental para Brito, que, por influência de colegas do curso agrícola técnico, passou a escutar bandas como Sepultura, King Diamond, Metallica e Megadeth, necessárias à formação do seu gosto musical e dos seus investimentos anos mais tarde. Todavia, como declara em seu depoimento, era muito difícil conseguir material fonográfico de rock, sobretudo, dos diferentes subgêneros do metal, em Vitória de Santo Antão até pelo menos meados dos anos 1990, época em que começou a sentir necessidade em dar mais “peso” à sonoridade da banda.

“Aqui era difícil encontrar disco, uma ou outra loja perdida às vezes aparecia um Pink Floyd, um Beatles, Rolling Stones, Led Zeppelin, no máximo essas bandas. Depois começou a aparecer Iron Maiden. Inclusive, na Discoteca do Lucas, que é uma loja que ainda existe, uma vez eu passei e estava lá o primeiro do Iron Maiden. Às vezes você achava Scorpions, Queen, achava somente as coisas mais conhecidas. (...) eu sempre buscava algo mais pesado. Mas não tinha o acesso, eu buscava o pesado, mas tinha a dificuldade de achar (...) A vontade de conhecer novas bandas era tão grande que até álbum de figurinha eu colecionei”. (Entrevista com Flávio Brito)

Com as idas e vindas ao Recife, as trocas de cassetes, as noites de sábado regadas a vinho Carreteiro (produzido na cidade) e conversas sobre os raros materiais que conseguiam, além do incentivo moral de Cristóvão (e em algumas ocasiões financeira), Brito decide com alguns de seus colegas, apostar cada vez mais em um som pesado. A recém criada Scum (1993) passa a ser chamada de Smashed Face a partir de março de 1994, ano em que fez sua primeira aparição ao público, em um evento realizado em Gravatá.

Fortemente influenciado pela ascensão do doom e tendo como referência as bandas inglesas My Dying Bride, Paradise Lost e Anathema, Flávio, juntamente com seus colegas Wires Alves, Luciano Rodrigues e Wellington Resende, criam a Obscurity Tears incorporando uma segunda guitarra (Evandro Andrade), além do violino (Jefferson Barreto) e um vocal feminino (Nitelma). A banda se projeta como a mais importante de cena de Vitória de Santo Antão, sobretudo, a partir do momento em que passa a circular na cena underground nordestina e grava seu primeiro CD em 2000, *Songs for a Black Winter*, conseguindo destaque nas principais mídias impressas nacionais especializadas em rock,

como a Rock Brigade. Além da Obscurity Tears, que chegou a gravar um promo intitulado My Chemical State, em 2009, a cena contou com as bandas The Crow, Floyd Rose e Tirania.

6. Carpina: no meio do caminho

De maneira semelhante a Garanhuns, um dos principais meios que a geração dos aficionados de metal de Carpina, a pouco mais de 40 quilômetros do Recife, mobilizou para acessar o material fonográfico ligado ao mundo do metal e seus subgêneros foi a cópia de cassetes adquiridos, em sua grande maioria, nas lojas especializadas do Recife. A frequência a lojas de discos como Vinil Alternativo, criada em 1990, era um dos principais destinos daqueles que, somente a partir da metade da década de 1990, passaram a formar as primeiras bandas pesadas na cidade e criar os primeiros festivais de rock pesado.

O contato, no entanto, com alguns dos “dinossauros do rock”, como por exemplo, Queen, Iron Maiden, Scorpions, Led Zeppelin, Deep Purple, esteve mais atrelado, segundo Pedro “Pepy” Neto (36), baixista da Armlock, ao pouco material que chegava na loja Top Disco, estabelecimento que não existe mais, mas que se constitui importante para as primeiras gerações de aficionados de rock da cidade. Sem condições financeiras para adquirir ou, como alguns relatam, sem ter de fato acesso aos discos, era por meio da gravação de cassetes (muitas vezes comercializada com o próprio divulgador das gravadoras) que se tinha acesso aos diferentes estilos.

O designer e ilustrador Rostan Albuquerque Silva, 37 anos, parece ter sido um dos principais divulgador do metal da cidade, pois no início da década de 90 já possuía uma “coleção enorme de fitas cassetes”, no dizer de Pepy. Sua casa, lugar em que boa parte da juventude roqueira de Carpina “curtia som”, funcionou também como um nicho de conhecimento importantíssimo sobre a cultura metal na cidade.

De acordo ainda com Pepy, Rostan é “uma lenda viva, uma espécie de ‘enciclopédia do metal’, assim como foi Cristóvão Rock e Moisés Nascimento da Silva para Vitória de Santo Antão e Caruaru, respectivamente. Pouco a pouco um grupo de adolescentes, em sua maioria, estudantes do Colégio Salesiano de Carpina, passou a se reunir frequentemente na Praça Joaquim Nabuco. O primeiro festival de rock na cidade aconteceu em 1994,

intitulado Noite do Rock, organizado pelo baixista do Armlock, que na época tocava na banda cover Desire. O evento foi realizado no próprio Colégio Salesiano, estabelecimento de ensino no qual estabeleceu seu primeiro contato com instrumentos musicais. Além da banda Desire, banda que fazia covers do U2 na época, o evento promoveu a circulação de bandas da região, como Abiose (São Lourenço da Mata) e Peste Bubônica (Curado, Jaboatão dos Guararapes).

Não contando mais com o apoio do Colégio Salesiano, a segunda edição do evento aconteceria em 1996, no Clube dos Lenhadores, local onde aconteciam os principais eventos da cidade, mas uma queda de energia terminou cancelando o festival, que só veio a ocorrer novamente dois anos depois. A Noite do Rock, que teve a sua sétima e última edição em 2008, foi essencial para fortalecimento da cena na região uma vez que Carpina conseguia aglomerar gente por estar geograficamente em uma posição privilegiada, “uma cidade central que fica perto do Recife e com a mesma quilometragem que vai ao Recife, se vai também a Surubim”, declara o realizador do Noite do Rock.

O evento produzido por Pepy foi responsável por levar a Carpina o “título” de capital do metal da Zona da Mata Norte, trazendo para a cidade gente das cidades próximas como Goiana, Timbaúba, Tracunhaém e Limoeiro. A Noite do Rock era um evento aguardado por público e bandas da região, que tinham a oportunidade de travar contato com grupos da capital e levar sua música para outros lugares do Estado. “Eu morava em Goiana na época e cheguei a cobrir, para o jornal A Província, duas edições do evento. Vi e entrevistei Hanagorik, Os Cachorros e Decomposed God, bandas com destaque na cena da capital, além de muitas bandas locais como Armlock e Dirty Soul. Sem falar nas outras formações do Interior, a exemplo de Obscurity Tears, She e Holy Smoke, estas duas últimas de Goiana, cuja galera sempre comparecia em peso”, conta o jornalista Wilfred Gadêlha.

Os shows de Carpina, semelhante aos de Garanhuns, sempre foram conhecidos pela presença de um público ativo e assíduo. A primeira Noite do Rock, para Rostan, é um marco. “Foi o primeiro show de ‘zuada’ em Carpina”, diz o designer. “Foi a partir desse evento que a galera de Carpina conheceu outros bangers de fora e começaram as trocas de informações, gravações de cassetes, vinis emprestados e tudo o mais.”

Além desse festival, que ganhou repercussão na mídia impressa local e do Recife a partir de 1999, a cena metal de Carpina também aglomerava parte de seu público (músicos, produtores e admiradores) no bar Trilhos Urbanos, local onde era possível ouvir música pesada e metal.

Nos últimos anos, o evento intitulado Metal Mutilation, organizado por Dayvison Santos, vocalista da banda Vurto, meio que “substituiu” a Noite do Rock. Bandas como Cruor, Malkuth e Oddium já se apresentaram no evento, assim como atrações locais e da região. O festival acontecia no mesmo Clube Lenhadores que sediava a Noite do Rock, mas o local foi demolido. Os carpinenses agora realizam os eventos de música pesada em outros locais, como o Clube Espanadores.

6.1. Música pesada em Carpina

À exceção de Caruaru, Carpina, como a maioria das cidades do interior mapeadas no presente projeto de pesquisa, só consolidou uma cena musical dedicada ao som pesado e, especificamente, a bandas de metal, na segunda metade da década de 90. O caso exemplar é a banda Armlock, criada em 1994, que se tornou uma referência para a cidade. Influenciados pelo funk metal, em especial, pelo Rage Against The Machine, a banda contou com o apoio do Hanagorik e dos rapazes do Insurrection Down para gravar sua primeira demo, intitulada This Is My Answer, em 2001. O resultado da produção desse material garantiu a banda uma repercussão positiva na medida em que graças ao mesmo puderam participar juntamente com Decomposed God, Prole e Subversivos da seletiva para a noite dedicada à música pesada no festival Abril Pro Rock, em 2002.

Embora não tenha sido classificada, a participação da banda na seletiva possibilitou a inclusão de suas músicas na programação da Rádio Cidade, que divulgou a enquete. Além disso, foi graças também ao envolvimento nessa seleção que a banda pode acumular prestígio junto ao público e produtores, pois foram convidados por Paulo André Moraes (produtor do APR) a participar do Festival de Inverno de Garanhuns em 2002. O grupo ainda lançou mais um CD-demo.

Além da Armlock, outras bandas, como a pioneira Cabine Presencial, que tocava rock, integram a cena carpinense. Não se pode deixar de falar no Dirty Soul, que era muito

mais metal do que o Armlock e se aproximava da sonoridade agressiva de bandas como Kreator e Sepultura. O Out of Hand foi formado por ex-membros do Armlock e trilha por caminhos pesados, mas não necessariamente metal, mantendo-se na ativa atualmente. Havia ainda a banda Open Fire, formada apenas por mulheres, mas que também não trilhava pelo caminho do metal ortodoxo, seguindo uma linha mais alternativa, a exemplo da banda feminina canadense Kittie, como conceitua a jornalista Jamille Ceolho.

7. Mais música pesada no interior.

A cena metal do Interior de Pernambuco não se resume às cinco cidades elencadas no corpo do relatório. É certo que Caruaru, Garanhuns, Surubim, Vitória de Santo Antão e Carpina se constituem como polos aglutinadores de metaleiros em suas circunvizinhanças, mas outras cidades também registram movimentos, seja na forma de bandas, seja na de eventos. Muitos destes protagonistas se interrelacionam com outros atores importantes dentro da dinâmica do cenário dos “cinco polos” e também dialogam com a cena do Recife e da Região Metropolitana.

É o caso de Santa Cruz do Capibaribe. Situado a 194 quilômetros do Recife, no Agreste Setentrional, o município conhecido como a Terra da Sulanca tem sua história no metal atrelada ao festival Capibaribe in Rock. Realizado desde 1998 pelo agitador cultural Betto Skin (alter ego de Roberto Oliveira, nascido em Limoeiro e residente em Santa Cruz desde 1990), o evento não pode se considerado uma ortodoxa instância para o metal. O próprio produtor salienta isso, levando em consideração o seu background, que se reflete na grade de programação do festival. “Posso ser uma referência pelo que já fiz pelo metal aqui, mas que fique claro que curto bandas indie (Pixies, Sonic Youth), garageiras (Love, Byrds), psicodelia e Beach Boys”, explica Betto, que foi da banda de rock Projétil Lisérgico.

As bandas que já tocaram no Capibaribe in Rock dão uma indicação de dois aspectos que merecem ser destacados. Um se refere ao ecletismo do evento, que misturava bandas de metal, hardcore e de rock. O outro talvez seja mais significativo no tocante à integração entre as cenas: o festival sempre tratou de estabelecer pontes entre os cenários, principalmente os de Caruaru e Surubim, retratados simbolicamente através de bandas

como Extreme Death e Hanagorik, além de Gravatá e Carpina . “Caruaru ainda é a Meca do metal no interior. Acho f.. as veteranas Psych Acid (que nunca tocou aqui) e Extreme Death (que tocou três vezes). E gosto muito do Alkymenia, é a renovação do metal de Caruaru”, discorre Betto, 40 anos.

Betto lembra a ligação com Tuca, do Hanagorik. O produtor conheceu o guitarrista por meio de amigos em comum. “Lembro de chegar na casa da tia de Tuca, onde ele morava, e levantar aquele camarada superatencioso para falar conosco. Rolou aquela empatia e eles me convidaram para discotecar num evento chamado Surubim Expo Art . Eles gostaram tanto que falaram: ‘Cara, faz um evento lá que nós vamos tocar’. E fizemos o Capibaribe in Rock com a presença de três bandas de Surubim, duas do Recife e uma daqui”, explica Betto.

A cena de metal de Santa Cruz do Capibaribe sobrevive com duas bandas atualmente: Down of Death e Overglory (a última gravou em EP em 2011 com produção de Tuca e Daniel, também guitarrista do Hanagorik).

Na Mata Norte, outras duas cidades merecem destaque por conta de suas cenas, ainda que limitadas com relação ao que ocorria em Carpina, para citar um município da mesma região: Goiana e Timbaúba.

A primeira, a 65 quilômetros do Recife, rendeu algumas bandas (Infected Voice, Datiloscopia, She, Processo Indefenido/Processed e Arkano Arkaiko) e também um evento que chegou a, como a Noite do Rock (Carpina) e o Capibaribe in Rock, trazer para a cidade bandas da capital e do interior. O Guaiamum Rock Fest durou dois anos e ocorreu em 1999 e 2000, levando para Goiana bandas como The Ax, Obscurity Tears, Cérbero, Os Cachorros, Armlock, Sangue de Barro e outras.

No fim dos anos 1980, os primeiros metaleiros foram aparecendo. Em sua maioria, jovens cuja curiosidade foi inflada pelo Rock in Rio e pela efervescência da cena B-Rock. Antonio Florentino Neto, 46 anos, lembra dessa fase: “Era preciso ir ao Recife para conseguir comprar algo que prestasse. Vez por outra amigos em comum, que moravam na capital, como Carlos Monte (fotógrafo recifense radicado na Europa) e Wilfred Gadêlha, nos traziam um material massa”, salienta, recordando ainda a loja Cultural Discos como item essencial para divulgar o metal na cidade. O estabelecimento pertencia a Rivaldo

Soares, que veio, como baterista, a integrar diversas bandas da cidade, com Infected Voice, Datiloscopia e She. A Cultural não vendia apenas metal, mas tinha um “cantinho” com os lançamentos mais underground da época: Kreator, Running Wild, Possessed.

Antônio também trilhou carreira como músico. Primeiro, como baterista de bandas de rock nacional. Com o tempo, ele também assumiu os vocais no Arkano Arkaiko e também na Processo Indefinido, primeira banda de black metal de Goiana, que depois mudou o nome para Processed e chegou a gravar uma demo. “Atualmente o cenário goianense está inexistente, salvo alguns eventos espaçados”, lamenta Toinho, como é conhecido.

Goiana também cedeu músicos para formações no Recife e João Pessoa. Na capital pernambucana, os irmãos Márcio e Wilfred Gadêlha, nascidos na terra das heroínas de Tejucupapo, fundaram o Dark Fate em 1990. A banda de death/thrash durou até 1993. Wilfred ainda participou do Cérbero como baterista antes de integrar o Datiloscopia em sua cidade natal, já como vocalista. A banda, que misturava metal com hardcore, chegou a gravar a faixa Hey Boy! na coletânea Japomim, que trazia artistas locais. Atualmente, Wilfred é vocalista do Cruor, do Recife.

Em João Pessoa, a banda de black metal Sodoma conta com o vocalista Daniel Hate, que morou por muitos anos em Goiana. A formação, que conta com um disco oficial, lançado em 2011 (Sempiterno Agressor) e duas demos, é uma das mais ativas da região, tendo tocado em vários Estados nordestinos e em diversos municípios pernambucanos.

Ainda na Mata Norte, Timbaúba é outra cidade a ter uma cena que merece ser citada, ainda que não tão forte quanto os polos principais do metal no interior. No fim dos anos 1980 e início dos anos 1990, um grupo de aficionados no estilo repetiu a fórmula que começa com o B-Rock e deságua no metal. O engenheiro civil Clodomir Melo Júnior, 36 anos, começou assim. Ouvia Camisa de Vênus, Titãs e Engenheiros do Hawaii e passou para o Iron Maiden por influência de um colega da escola (Colégio Santa Maria). O roteiro de ouvir música na casa dos amigos foi seguido e, como quase todo “matuto”, Júnior sofria para ter acesso aos discos. “A turma foi crescendo e a cada dia ‘recrutávamos’ novos adeptos”, conta ele, lembrando que dependia de dois amigos irmãos para ter acesso às novidades. “Eles iam ao Recife e traziam os discos, que eu então gravava em cassete”, diz ele, cuja família é aparentada dos cantores e compositores Michael Sullivan e Leonardo.

Com os amigos Armando Lima Filho e Jean Britto (que chegou a ser baterista do pioneiro piauiense Avalon, radicado em São Paulo), montou o Clinical Death em 1991, considerada a primeira banda de metal da cidade. O grupo começou tocando clássicos do punk (Garotos Podres, Ratos de Porão e Detrito Federal), mas logo passou para o metal, fazendo covers de Black Sabbath, Megadeth, Slayer e Metallica e adotando o thrash como estilo. A banda chegou a fazer shows em Timbaúba e, com o intercâmbio com a goianense Arkaiko, percorreu 41 km para tocar em Goiana. O Clinical Death também produziu shows de bandas da região e do Recife, como o Cérbero, que chegou a tocar em Timbaúba ainda naquele ano.

Anos depois da formação do Clinical Death, Timbaúba gerou uma formação que obteve destaque em shows da região, fora dela e na capital. O Daimoth, criado em 2004, trilhava pelo que rotulava black/death/heavy metal e chegou a lançar duas demos, Shadow Empire e Inquisition. O quinteto também promoveu diversos eventos na cidade e participou da coletânea independente Extreme Nordeste Metal (2008), que também traz as “matutas” Processed (Goiana), Insano (Timbaúba), Lord Darkness (Macaparana) e Pagan Spirits (Macaparana).

Falando em Macaparana, a cidade vizinha a Timbaúba não chega, na visão do seu principal expoente metal, o zineiro Valterlir Mendes, a ter uma cena propriamente dita. Mas cedeu ao Estado bandas como as citadas no parágrafo anterior. “Não existe uma cena. O Pagan Spirits era formado por integrantes do Daimoth. Alguns eram daqui, mas se mudaram para lá”, explica Mendes, que começou a editar o fanzine Máquina do Metal em 2004. Em 2008, ele iniciou o site Recife Metal Law, que, a despeito do nome, dá na verdade um panorama da cena pernambucana e até de outros Estados. “A cena da Zona da Mata Norte não é diferente da do Estado. Ela oscila muito. Há pouquíssimos shows aqui”, lamenta ele.

Em cidades como Paudalho e Nazaré da Mata, há uma nova geração de bandas surgindo, como Kannibale e aGOMNYa, respectivamente. Os integrantes destes novos grupos, criados a partir de 2010, são responsáveis por produzir shows nas cidades onde moram, o que diversifica a cena na região.

Por fim, o pequeno município de Tracunháem sedia o Tipóia Festival, que realizou em 2012 a sua 13ª edição. Trata-se de um evento que reúne diversas tendências da música, com

ênfase no aspecto regional-folclórico, mas que também abre espaço para que nomes do metal e do hardcore da região e da capital se apresentem, como Oddium, Cruor, Hanagorik, Ataque Suicida, Cabeças Podres, Antropofagia e outros.

Já no Sertão de Pernambuco, a chamada cena metal é ainda mais “espalhada”. O principal foco irradiador, no que diz respeito a bandas e eventos, parece ser Petrolina, a 722 km do Recife, no Sertão do São Francisco, fazendo divisa com a Bahia. A proximidade com Juazeiro e outras cidades baianas fez com que a cena se dividisse e se aglutinasse ao mesmo tempo, num movimento simbiótico que é traduzido na formação da banda de maior destaque da cidade, o Crematorium.

Formada em 1994, na cidade baiana de Sobradinho, pelos irmãos Welson Silva (Count Alemão) e Wellington Silva (Wellington Slayer), a Crematorium é herdeira de formações como Estado de Coma, Calvário e Black Vomit, pioneiras petrolinenses que não existem mais, além da juazeirense Molotov. O atual trio formado por Alemão, Marcos Alexandre e Júlio Cesar conta com alguns itens em sua discografia, sendo o de maior importância o EP Death Metal (2009).

Apesar de já ter tocado na Bahia, no Ceará e no Piauí, o Crematorium nunca se apresentou no Recife – ao contrário do Assassination, banda de death metal formada em 2007 e que já tocou na capital pernambucana em 2012. “Até hoje nós fazemos um esquema com bandas do interior. Como se fosse o lance de uma mão lavar a outra, do tipo: ‘Nós trazemos sua banda para tocar e vocês levam a gente para tocar na sua cidade’. O pessoal do interior tenta ser bem unido, apesar das dificuldades”, relata Marcos Alexandre. No que diz respeito a eventos, o Rock Pra Vocês reuniu, em junho 2005, uma vasta gama de bandas pesadas, com destaque para Insurrection Down, Os Cachorros, Vórtex e o próprio Crematorium, no Centro de Convenções de Petrolina. Nas palavras de André Gomes, vocalista da Insurrection Down, cerca de 4 mil pessoas compareceram ao evento. Outros shows e festivais que podem ser citados incluem o Grito Rock e o Metal Devastation.

Além de Crematorium e Assassination, outras bandas que fazem parte do cenário de Petrolina: Bloody Death, M-XV e Maggica.

Saindo de Petrolina, é possível identificar pequenos “focos” de metal no Sertão em cidades como Floresta, Serra Talhada, Custódia (banda Serpentarius), Afogados da Ingazeira

(banda Metalphobia) e Salgueiro, que sediou, entre os anos 2002 e 2003, o evento intitulado Salgueiro Rock Fest.

Nas palavras de Alexandre “Possessed” Sampaio, banger local, Salgueiro começou a se movimentar em relação ao metal no início dos anos 1990, com o Rock In Rio 2. “Nos reuníamos no Museu do Couro, que virou ponto fixo para os encontros aos sábados”, relata. O primeiro Salgueiro Rock Fest teve bandas do Recife (Malkuth, Infested Blood, Torment of Souls, Abhorrer e Obscurity Tears, em sua primeira edição. A segunda, em 2003, foi realizado exclusivamente com bandas de Petrolina, entre elas o onipresente Crematorium.

8. Considerações finais

O acesso facilitado pelas novas tecnologias às informações sobre o universo do heavy metal, bem como ao material fonográfico dos diferentes subgêneros, também permitiu a divulgação numa escala global daquilo que vem sendo produzido musicalmente em terras pernambucanas. Além do agendamento de turnês internacionais via internet (através do uso das redes virtuais como MySpace, Orkut, Facebook e ReverbNation, além de e-mail), graças às novas tecnologias muitas bandas tem conseguido baratear os custos de produção e distribuição de sua obra. No entanto, a fluidez da comunicação via internet não tem gerado necessariamente efeitos reais em termos de ampliação de um público local presente a eventos. Nesse aspecto, a pesquisa traz interessantes constatações sobre algumas das dimensões dos processos de comunicação em suas formas contemporâneas.

É comum, por exemplo, identificar produtores que se queixam da queda de frequência do público em shows e festivais, apesar das facilidades de comunicação que existem hoje. Isso denota que, embora as possibilidades de divulgação a baixo custo sejam muito maiores e a informação circule muito mais facilmente, os esforços de divulgação dos eventos parecem ter perdido muito de sua eficácia. Em comparação com épocas anteriores, por exemplo, quando as pessoas apenas ficavam sabendo dos shows por meio de cartazes pregados em paredes de lojas ou no boca a boca, é razoável imaginar que bem menos pessoas tinham acesso àquela informação; no entanto, o comparecimento aos shows, segundo depoimentos dos produtores, era significativamente maior.

Outro fenômeno observado tanto na capital quanto no interior: na medida em que o heavy metal e seus diferentes subgêneros ganham, mesmo que de forma ainda segmentada,

visibilidade comercial, e aumenta o contingente de fãs de diferentes classes sociais é possível verificar que, além do preconceito relacionado à escolha do gosto musical, outros aspectos da normatividade interna do campo passam a ser exacerbados. Como exemplo, temos as querelas em torno da orientação sexual e religiosa, bem como a problemática do lugar social da mulher nesse universo ainda predominantemente masculino.

Um ponto que ainda gera muitas divergências entre os protagonistas da cena, sejam eles músicos ou produtores, é a legitimidade da mistura do rock e do metal com ritmos regionais. No interior, bandas como Sangue de Barro e Zabumba Bacamarte produzem essa fusão e contam com músicos de bandas de metal na sua formação. Alguns integrantes da cena se recusam a aceitar esse tipo de mistura, enquanto outros a julgam legítima, mas dentro de certos parâmetros. Alex, um dos fundadores da banda Storms, toca no Zambumba Bacamarte e não vê nenhuma contradição ou conflito na mistura entre elementos regionais e sonoridades pop, rock ou metal. Ressalta a intenção de fazer algo pretensamente artístico, ou não-comercial, como parâmetro para a legitimação do trabalho da Zabumba Bacamarte.

Nesse sentido, algumas manifestações regionais consideradas “de raiz”, embora bastante diferentes, seriam artisticamente tão legítimas quanto o metal, na medida em que sua incorporação se dá a partir de uma intenção estética e “não-comercial”.

Já Nato, fundador da Psych Acyd e integrante da banda Sangue de Barro, toca “profissionalmente” na noite caruaruense transitando por vários estilos diferentes. Como profissional, não vê problema em tocar gênero nenhum, pois trabalha apenas com isso e procura “viver de música”. Entretanto, faz a mesma distinção de Alex, entre o que seria um som regional de qualidade e um som comercial, segundo ele, sem qualidade. Não considera necessariamente um “rompimento” a simples mistura entre gêneros regionais e rock, pois se enxerga inserido no que se reconhece publicamente como cultura local. Acha portanto normal dialogar com “sons da terra”. O metal, no entanto, é o gênero que ele toca “por prazer”.

Essas distinções reaparecem de forma recorrente no discurso de músicos e outros agentes da cena. Há uma idéia de “música artística” oposta à idéia de “música comercial”, e dentro dessa idéia de música artística, há certas misturas que são legítimas, e outras não. O sucesso comercial é constantemente apontado como indício de baixa qualidade artística. Já a qualidade artística pode ser constatada a partir de critérios técnicos e estéticos, seja a

poesia “bem feita” seja a composição musical bem construída dentro dos padrões adotados por aqueles músicos.

9. Bibliografia

- AZEVEDO, Cláudia (2005), “Subgêneros do metal no Rio de Janeiro a partir da década de 1980”. *Cadernos do colóquio*. 2004-2005.
- BENNET, Andy (org.) (2004), *Music Scenes. Local, Translocal, and Virtual*, Nashville: Vanderbilt University Press.
- BOURDIEU, Pierre, e WACQUANT (2002), Louis. *Réponses*. Paris : Minuit.
- _____ (1992) *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- _____ (1996) *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*, Lisboa: Presença.
- _____ (1996) *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*, Campinas, Papirus Editora.
- _____ (1998) *O Que Falar Quer Dizer: a economia das trocas simbólicas*, Algés: *Difel*.
- _____ (2003) *O Amor Pela Arte: museus de arte na europa e seu público*, Porto Alegre, Editora Zouk.
- _____ (2003) *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes.
- CAMPOY, Leonardo Carbonieri (2006), “Esses camaleões vestidos de noite: uma etnografia do *underground* Heavy Metal”. *Sociedade em Estudos*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 37-50.
- CHRISTE, Ian (2010), *Heavy Metal. A História Completa*. São Paulo: Arx, Saraiva (trad. Milena Durante e Augusto Zantoz).
- CRANE, Diana, KAWASHIMA, Nobuko, e KAWAZAKI, Kenichi (org.) (2002), *Global Culture. Media, Arts, Policy, and Globalization*, London e New York: Routledge.
- GADELHA, Wilfred de Albuquerque Junior (2002), “Dupla de bandas alemãs da pesada toca hoje no Recife”, *Diário de Pernambuco*, “Caderno Viver”, 31 de agosto de 2002, página D6.
- GADELHA, Wilfred de Albuquerque Junior (2003), “Clássicos do Hardcore em uma só bolacha”, *Diário de Pernambuco*, “Sessão Viver”, 9 de janeiro de 2003.
- GADELHA, Wilfred de Albuquerque Junior (2009), “De Caruaru para o Mundo?”, *JC Online*, “Coluna Lapada”, 22 de junho de 2009, <http://ne10.uol.com.br/coluna/lapada/noticia/2009/05/22/de-caruaru-para-o-mundo-188379.php>. Acesso em 20/09/2010.
- GADELHA, Wilfred de Albuquerque Junior (2009), “Vitoria do Metal”, *JC Online*, “Coluna Lapada”, 2 de agosto de 2009, <http://ne10.uol.com.br/coluna/lapada/noticia/2009/08/02/vitoria-do-metal-195387.php>. Acesso em 20/09/2010.
- GADELHA, Wilfred de Albuquerque Junior (2011), “Pode entrar e bater a cabeça”, *Jornal do Commercio*, “Caderno C”, 14 de março de 2011.
- JANOTTI, Jeder Silveira, (2004), *Heavy Metal com Dendê: Rock pesado e mídia em tempos de globalização*, Rio de Janeiro: Editora Papers.
- JUNIOR, Nilton Silva Jardim. “Underio.net: Redes de solidariedade nos eventos underground a partir do Rato no Rio”, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado – Música, 2007. 58

- JUNIOR, Nilton Silva Jardim (s.d.), “Infinita Highway: rockzines e democratização da internet”,
http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/etnomusicologia/etnom_NSJJunior.pdf. Acesso em 20/09/2009.
- LEÃO, Carolina (2003), “A negociação Mangubeat: cultura pop, mídia e periferia no Recife contemporâneo”, *Eco- pós*, v. 6, n. 2, agosto – dezembro, p. 95-111.
- LEÃO, Fabiana de Souza (2007), “O fenômeno pós-mangue na cena musical pernambucana”, Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado – Administração.
http://www.btd.ufpe.br/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4091. Acesso em 20/07/2012.
- LEÃO, Tom (1997), *Heavy Metal: Guitarras em Fúria*, São Paulo: Editora 34.
- MEDEIROS DE SOUZA, Abda (2008), “Cosmologias do Rock em Fortaleza”, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 27 de junho, Fortaleza, Ceara.
- NETO, Moisés (s.d.), “Chico Science, Zeroquatro & Faces do Subúrbio: A cena recifense”,
<http://www.moisesneto.com.br/sciencezeroquatrofaces.pdf>. Acesso em 20/09/2009.
- PRYSTON, Ângela (2004), “Diferença, pop e transformações cosmopolitas no Recife a partir do movimento mangue”, *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v. VI, n. 1, p. 33-46, janeiro – junho.
- RIBEIRO, Getúlio (2007), “Do tédio ao caos, do caos à lama : os primeiros capítulos da cena musical Mangue, Recife - 1984-1991”, Universidade Federal de Uberlândia, Mestrado – História, http://www.btd.ufu.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=932. Acesso em 20/09/2012.
- RIBEIRO, Hugo Leonardo (s.d.), “Notas preliminares sobre o cenário *underground* em Aracaju”, *Conferência da Seção Latino-Americana IASPM*, Rio de Janeiro.
- STOKES, Martin (2007), *Ethnicity, Identity and Music: The Musical Construction of Place*, Oxford e New York: Berg.
- TELES, José (org.) (s.d.), *Meteoro Chico*, Recife.
- TELES, José (2000), *Do Frevo ao Mangubeat*, São Paulo: Editora 34.

Anexo: Quadro dos entrevistados

O quadro seguinte descreve os personagens entrevistados (nome, idade, e breve descrição das formas de atuação no cenário musical ligado a música pesada no Interior de Pernambuco).

Nome	Idade (anos)	Atuação na cena
Alexandre Moraes	40 anos	Vocalista e baterista da banda Storms/ Caruaru
David Sebastian Ferreira de Almeida	27 anos	Produtor do programa de rádio Rock Life (Caruaru)
Erivaldo Antônio de Souza	49 anos	Proprietário da loja Metalmorphose e produtor do festival Metalmorphose em Caruaru
Kleber Gomes	39 anos	Guitarrista do Extreme Death
Áureo Diego Braz da Silva	22 anos	Vocalista e baixista da banda Alkymenia (Caruaru)
Maurício Valença	38 anos	Ex-guitarrista das bandas Estado Suicida e Carbonized (Garanhuns)
Rayonato Vila Nova	41 anos	Fundador, baterista e vocalista da banda Psych Acid (Caruaru)
Rivelino Silva	38 anos	Vocalista da Instinct Noise e produtor do Festival Fúria Night (Garanhuns)
Sebastião dos Santos	39 anos	Fundador e vocalista da banda Morbdus (Garanhuns)
Márcio Monteiro	27 anos	Baterista da banda Morbdus (Garanhuns)
Valterlir Mendes	37 anos	editor do Máquina do Metal editor do Recife Metal Law
Wolney Queiroz	40 anos	Deputado federal e produtor do show do Sepultura em Caruaru
Moisés do Nascimento Silva	50 anos	Colecionador e difusor do Rock em Caruaru
Levi Byrne	43 anos	Produtor do Festival Visions of the Rock (Caruaru)
Arthur Amaro	40 anos	Guitarrista do Hanagorik (Surubim)
Tontonho	40 anos	Baixista do Hanagorik (Surubim)
J. Jones	40 anos	Vocalista do Hanagorik (Surubim)
Carlos Gordo	38 anos	Guitarrista da banda Insurrection Down (Surubim)
André Gomes	36 anos	Vocalista da banda Insurrection Down (Surubim)
Sebastião Ferreira Junior	55 anos	Produtor do Festival Blizzard of Rock (Vitória de Santo Antão)
Eduardo Holanda	37 anos	Guitarrista da Still Living (Garanhuns)
Flávio Brito	38 anos	Baixista do Obscurity Tears (Vitória de Santo Antão)

Pedro Neto	36 anos	Produtor do festival Noite do Rock (Carpina) e baixista da banda Armlock (Carpina)
Rostan Albuquerque Silva*	37 anos	Colecionador e designer (Carpina)
Roberto Oliveira*	40 anos	Produtor do festival Capibaribe in Rock (Santa Cruz do Capibaribe)
Antonio Florentino Neto*	46 anos	Ex-vocalista das bandas Arkano Arkaiko e Processo Indefinido (Goiana)
Clodomir Melo Júnior*	36 anos	Fundador e baixista da Clinical Death (Timbaúba)
Welson Silva*	35 anos	Vocal e guitarrista da Banda Crematorium (Petrolina)
Marcos Alexandre*	28 anos	Baixista da Banda Crematorium (Petrolina)
Alexandre Sampaio Filho**		Headbanger (Salgueiro)

*Entrevistas realizadas através da internet.

** Alexandre Sampaio Filho - idade não informada .

Linha do Tempo

